

**ESCOLA NORMAL NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO: UM
INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO FEMININA NA ZONA DO ALTO
PARANAÍBA, MG**

*NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO NORMAL SCHOOL AN INSTRUMENT OF
FEMININE EDUCATION AT ZONA DO ALTO PARANAÍBA MG*

Hedmar de Oliveira Ferreira¹

RESUMO

Este estudo tentará reconstituir um pouco da história da Escola Normal Nossa Senhora do Patrocínio, educandário da cidade de Patrocínio-MG, que, entre 1928 e 1965, educou mulheres do interior mineiro, reconstruindo, ainda que parcialmente, a teia de relações que unia as jovens entre si, às suas educadoras, a interferência e/ou tutela, fazendo parte do espírito dessas relações pedagógicas; apreender o funcionamento do tradicional educandário, investigar as relações ali estabelecidas, de modo a avaliar o peso da escola na definição dos papéis sexuais, na formação e história das mentalidades de mulheres, permitindo abrir as relações, destacando o “ser professora”, o “ser mulher” e os seus “sentimentos”.

Palavras-chave: Igreja - educação - mulher

ABSTRACT

This study will try to reconstitute a little from the history of Nossa Senhora of Patrocínio Normal School, educational establishment from Patrocínio's city, that, between 1928 and 1965, educated women from Minas Gerais's interior, reconstructing, still that partially, the teia of relations that joined the young ones between themselves, to its educators, the interference and / or tutela, being part of the spirit of these pedagogical relations; to learn the functioning of the traditional educational establishment, to investigate the relations established there, in order to evaluate the weight of the school in the definition of the sexual papers, in the formation and history of the mentalities of women, allowing to open the relations, detaching the “being teacher”, the “being woman” and its “feelings”.

Key words church education woman.

¹ Doutoranda em História, área de concentração: História e Cultura Social, da Faculdade de História Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP-Franca. Diretora II da Superintendência Regional de Ensino de Patrocínio. E-mail: hedmarof@hotmail.com.

Entre 1911 e 1945, as Irmãs do Sagrado Coração de Maria fundaram ou receberam a direção de estabelecimentos de ensino, orfanatos e santas casas nas regiões do Triângulo e Alto Paranaíba, em Minas Gerais, conforme relação abaixo:

Araguari: Colégio Sagrado Coração de Jesus, fundado em 1919, pelas Irmãs Blandina, Canuta, Rodrigues, Bertha e Blanche. Em 1993 fundou-se a Comunidade São Luiz para a prestação de serviços pastorais.

Patrocínio: Escola Normal Nossa Senhora do Patrocínio, fundada em 11 de outubro de 1928, pelas Irmãs Ghislaine, Alda e Antonina. Santa Casa de Misericórdia de Patrocínio em 1929; Patronato Coronel João Cândido Aguiar em 19 de março de 1952; Asilo São Vicente de Paula em 08 de setembro de 1956.

A política ultramontana não se restringia à instituição eclesial, mas, ao contrário, perpassava todos os setores da sociedade. Na família, lançou um olhar especial, invadindo os lares católicos por meio da prática religiosa, efetuada nas igrejas, nos colégios, nos orfanatos, nas creches, sendo esses os lugares considerados preferenciais de sua ação:

O cotidiano doméstico foi devassado: noivados, casamentos, obrigações dos chefes, nascimento, número de filhos, educação dos jovens eram aconselhados e normatizados pelos chefes da Igreja. A voz oficial, como em círculos concêntricos, atingia através dos bispos os mais distantes microcosmos paroquiais. Através dessa forte presença, os pontífices sonhavam com a constituição de uma única família cristã, idealizando-se na chefia dessa comunidade de fiéis¹.

A presença mais efetiva da Igreja visava criar uma sociedade que respeitasse os valores tradicionais do Cristianismo, para que essa presença fosse eficaz, os bispos desejavam reconquistar uma série de privilégios e regalias típicas do período do Padroado. Dois pontos tinham vinculação direta com a esfera educativa: o restabelecimento do ensino religioso nas escolas públicas e o direito à obtenção de subvenções públicas para as instituições católicas com finalidade social.

A partir da década de 20, a Igreja procura uma reaproximação com o Estado, não em termos de subordinação, mas de colaboração. A hierarquia eclesiástica mostra-se disposta a colaborar com o governo na manutenção da ordem pública, mas exige em troca que o Estado atenda as suas reivindicações de ordem religiosa.

Em 1925 estavam postas as condições históricas para a vinda das Irmãs do Sagrado Coração de Maria para Patrocínio. A chegada dos padres holandeses, da Congregação dos Sagrados Corações, em Uberaba, Minas Gerais, em 12 de junho de 1925, possibilitou o estabelecimento de negociações entre a diocese e a municipalidade das cidades de Araguari e Patrocínio para a realização do projeto do Bispo Dom Antonio de Almeida Lustosa, referente à fundação dos colégios para meninos - Colégio Dom Lustosa em Patrocínio (MG), em 1927 e do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio em 1928, em Patrocínio (MG).

A criação e consolidação desses colégios, segundo Ivan Manoel,

[...] Foi a expressão prática da aliança tácita entre o Estado, que se eximia o mais possível da responsabilidade pela educação pública, a oligarquia, que procurava uma educação conservadora para suas filhas, e a Igreja, que estabelecia, por intermédio da educação escolarizada, uma base estratégica para seu programa de recristianização da sociedade pela doutrina ultramontana².

O envolvimento da Diocese de Uberaba

A relativamente rápida negociação entre a Diocese de Uberaba, a municipalidade de Patrocínio e as Irmãs permitiram que em 1911, aqui chegassem as primeiras religiosas, vindas da Bélgica: Irmã Ghislaine, Irmã Gilberta.

Os entendimentos de Dom Lustosa, Bispo de Uberaba, e as lideranças patrocínenses enquadraram o projeto de educação da juventude na linha do conservadorismo, do catolicismo ultramontano, colocando sob os cuidados dos padres do Sagrado Coração de Jesus, o Colégio

¹ GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. À Deus, à Igreja e à Pátria. *História*, São Paulo, v. 11, 1992, p. 245.

² MANOEL, Ivan A. *A Igreja e educação feminina (1859-1919). Uma face do conservadorismo*. São Paulo: UNESP, 1996, p. 62.

masculino, e sob a direção das freiras belgas, da Congregação do Sagrado Coração de Maria, o Colégio feminino.

A vinda dessas religiosas revela o envolvimento do clero, da oligarquia e da municipalidade nesse processo através da doação de recursos financeiros, porque a viagem dessas Irmãs foi custeada por doações arrecadadas com a liderança do fazendeiro João Cândido Aguiar.

Sobre este assunto, a documentação é bem explícita: cartas do Bispo Dom Lustosa para João Cândido Aguiar, para sua esposa Emydia e para a Madre Superiora, Irmã Blandina, em Araguari-MG, diversas listas de contribuição e donativos.

Esse apoio logístico, financeiro e social recebido do povo em geral, o rápido estabelecimento das Irmãs belgas em Patrocínio indicam que a população teve aceitação da nova política da Igreja e citando Ivan Manoel, “sem se preocupar muito com as razões e oposições dos discípulos de Voltaire, Rousseau e Auguste Comte”³.

Pelos depoimentos, leitura das listas de donativos e contribuições podemos verificar que pessoas simples e comuns da cidade, contribuíram para a vinda das irmãs e instalação da Congregação, de forma confortável emprestaram móveis, ofereceram gêneros alimentícios, além da disponibilidade para os trabalhos domésticos de forma gratuita. Mas, o apoio decisivo veio da municipalidade, representada pelo Agente Municipal João Alves do Nascimento e da oligarquia rural, representada por João Cândido Aguiar.

A chegada das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, em Patrocínio, ocorreu em um momento em que o prédio destinado à instalação ainda não estava pronto. Não se tratava de uma construção nova, mas da adaptação do imóvel localizado na Praça da Matriz, hoje, Praça Monsenhor Tiago.

A Escola Normal Nossa Senhora do Patrocínio

Em 02 de fevereiro de 1929 a Escola Normal iniciou suas atividades com 157 alunas, em regime de internato e externato, com os Cursos Primário e de Adaptação.

No ano de 1933, foi reconhecido o Curso Normal de 1º Grau pelo Decreto nº 10.891, de 05/06/1933, passando a denominar-se Escola Normal Nossa Senhora do Patrocínio. O Decreto nº 2.400, de 07/02/1947, outorgou ao Estabelecimento, o mandato para ministrar o Ensino de 2º Ciclo, mudando então a sua denominação para Colégio Normal Nossa Senhora do Patrocínio, denominado, atualmente, por força da Resolução nº 238/76, de 01/05/1976, Colégio Nossa Senhora do Patrocínio.

Ampliando o 2º Grau para o campo da Saúde, recebeu, através da Resolução nº 821/74, de 25/06/1974, autorização, por dois anos, para ministrar a habilitação de Técnico em Enfermagem. Pela Portaria nº 386/74, da SEE/MG, teve seu reconhecimento, esta habilitação.

O MEC, através do Ofício nº 0041, de 23/01/1947, concedeu o reconhecimento sob o regime de inspeção preliminar, ao Ginásio Nossa Senhora do Patrocínio, que mais tarde, foi reconhecido definitivamente pela Portaria nº 1080, de 29/12/51. Por força da Lei nº 5692/71, pela Resolução nº 431/74, de 31/01/1974, foi reconhecido o 1º Grau e integrado ao sistema estadual.

Na primeira década do século XX, o escritor Guimarães Cova reforçava as virtudes da mulher que a compatibilizariam com o trabalho de assistência social: “A mulher é o tipo da graça e da bondade; é a personificação do carinho e da constância; a imagem da paciência, o esconjuro do amor e o santuário do perdão”⁴.

O ideal educativo valorizado pelo Colégio e pelas famílias, por sua vez, prescrevia um comportamento feminino inteiramente romantizado. Através das atividades escolares, das peças teatrais, das atividades religiosas e festivas, as Irmãs incentivavam as mães de família, a educarem suas filhas nos valores da caridade.

Este argumento está inscrito no modo burguês de se pensar a mulher e o seu lugar na sociedade, trazendo algo de romântico ao não considerar as necessidades de sobrevivência dessas futuras mães.

Para as “mulheres religiosas” era também imprescindível realizar um evento associado a algum tipo de diversão. Em comemoração ao aniversário do Congresso das vocações sacerdotais, ao

³ MANOEL, op. cit., p. 67, nota 33.

⁴ COVA, G. *A esposa*: livro doutrinário e moralista para as noivas e mães de família. Bahia: Typ. Bahiana, 1911, p. 34.

aniversário onomástico dos padres, ao aniversário da Madre Superiora, ao aniversário dos votos perpétuos das Irmãs, eram promovidas festas “distinctas” e a atração ficava por conta de concertos, peças teatrais, a cargo das alunas do Colégio⁵.

Essa nova sociabilidade que vai aos poucos sendo construída proporciona efetivamente às mulheres mudanças no seu comportamento, bem como uma ocupação mais sistemática do espaço público.

A preocupação com a formação do magistério para o ensino primário esteve presente desde o Império, embora pouco tenha sido feito em termos de iniciativas concretas que de fato atacassem a questão da qualificação do professor primário. Data de 1835 a fundação da primeira escola normal (em Niterói), tendo sido criadas mais quatro até a metade do século.

A partir de 1920, entretanto, este quadro vai se modificar, tanto por fatores de ordem econômica, política e social, como por movimentos educativos de caráter ideológico. O acentuado processo de industrialização e urbanização, que se delineia nos principais centros urbanos, gera uma nova composição das classes sociais (que se expressa no fortalecimento de um pequeno proletariado urbano e no alargamento da classe média); essa mudança leva a um aumento na demanda pela escolarização, na medida em que se passa a requerer do indivíduo um maior preparo escolar, como meio de ascensão em sua atividade profissional.

As normas sociais para o sexo feminino, interiorizadas pelas mulheres das camadas médias e altas, não comportavam a idéia do trabalho remunerado. Entretanto, algumas, como por exemplo, Teodora de Castro Ribeiro, Dária Amaral, Maria Amaral, Geralda da Pereira, Olga Barbosa, dentre outras, viam-se “obrigadas a ele como forma de sobrevivência, diante do que o magistério se apresentava como uma das poucas ocupações possíveis, pela dignidade e adequação que supostamente representava para o sexo feminino”⁶.

A imagem do “ser mulher”, assim como os papéis que mulheres reais podem e devem desempenhar, não têm sido historicamente estabelecidos por elas próprias e sim por outros especialmente pelos homens, posto que quem dá nomes às coisas são os que têm poder e esse vem sendo masculino. Assim, as mulheres que, por escolha ou por necessidade, abraçassem uma profissão, renunciavam à vida de casada e aos papéis de esposa e mãe biológica. Mesmo diante dessa opção, Teodora manteve-se dentro da postura esperada do sexo feminino pela sociedade da época, ao permanecer como arrimo de família pelo resto da vida, com dedicação e conformismo, como se esperava de uma mulher. Todo seu empenho resultou em prestígio pela sociedade, com destaque pela formação, tidas como “educadoras modelares”, “personalidades credoras de admiração e respeito dentro e fora da sua cidade”⁷.

As alunas relembram o quanto o espaço da Escola Normal Nossa Senhora do Patrocínio era poético e acolhedor. Lá elas podiam fazer amizades saudáveis, relacionarem-se em um clima afetivo e companheiro. O poético a que se refere uma das depoentes pode ser interpretado por ângulos diferentes. Ela fala de uma instituição que tinha como pilares a confiança e o respeito. Entretanto, as alunas conviviam com seus pares, como iguais, onde a relação é permitida, afinal, os iguais podem ocupar os mesmos espaços e estabelecerem pactos. Isto porque, além de ser uma escola eminentemente feminina, também era de jovens de camadas média e alta da sociedade das regiões do Alto Paranaíba, Triângulo e Noroeste de Minas Gerais.

As palavras de uma aluna são expressivas:

A primeira turma, a que se formou em 1935, é que mais me deixou 'imagens' havia, entre elas, um grupo de 5, sempre juntas, sempre bem informadas e, que algumas de nós, denominávamos de 'o grupo de Chicago' referência às idéias da Escola Nova ditadas pela Universidade de Chicago. Eram, as cinco as mais inteligentes, vivas, sabidas e... invejadas⁸.

⁵ Cf. ARANTES, Augusta. Augusta Arantes: depoimento [jun. 2002]. Entrevistadora: Hedmar de Oliveira Ferreira. Patrocínio-MG: 2002. Depoimento escrito. Entrevista concedida para Tese de Doutorado.

⁶ RIBEIRO, Teodora de Castro. Teodora de Castro Ribeiro: depoimento [ago. 2002]. Entrevistadora: Hedmar de Oliveira Ferreira. Patrocínio-MG: 2002. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida para Tese de Doutorado.

⁷ Idem, Ibidem.

⁸ BORGES, Alina Arantes. Alina Arantes Borges: depoimento [set. 2003]. Entrevistadora: Hedmar de Oliveira Ferreira. Patrocínio-MG: 2003. 1 cassete sonoro e depoimento escrito. Entrevista concedida para Tese de Doutorado.

O Colégio Dom Lustosa, de educação católica masculina, situado nas proximidades da Escola Normal, criado em 1927, acolheu os meninos destas regiões, alargando a experiência de educação acolhendo-os no internato. A não relação com colegas do sexo masculino constituía-se em um recurso para garantir a manutenção de valores e evitar a troca de intimidades, que consideravam, explicitamente, perigosas para a “honra” da mulher quando de fato, o receio era com a desestabilização da estrutura de poder.

Essas e outras atitudes similares mostram a articulação dos valores das educadoras com a sociedade, o que contribuía para que a Escola Normal Nossa Senhora do Patrocínio fosse o sonho das famílias e o motivo de orgulho para as alunas que conseguiam fazer parte do seu quadro. As palavras de uma aluna da Escola Normal:

[...] como esquecer a Irmã Ghislaine, diretora enérgica, tranqüila, que a gente olhava com respeito mas sem medo; a Irmã Magdala também belga de olhinhos azuis penetrantes, severa, acolhedora daquelas alunas mais difíceis ou com problemas. Irmãs Alda e Evangelina, brasileiras, familiares no trato com as alunas, preocupadas com o aproveitamento e crescimento de suas alunas-mestras⁹.

O Colégio Nossa Senhora do Patrocínio além de ser freqüentado por alunas externas funcionava em regime de semi-internato e de internato e admitia filhos da burguesia agrária e comercial patrocínense, bem como de famílias abastadas de outras regiões de Minas Gerais.

As filhas das famílias oligárquicas mineiras, especialmente do Noroeste e do Alto Paranaíba passaram a fazer seus estudos em Patrocínio, como internas do Colégio, destacando-se as Melo Franco, Piau, de Paracatu, Amorim, de Presidente Olegário, Porto, Caixeta, Queiróz, de Patos de Minas, Paranhos, Mundim, Cardoso Naves, de Monte Carmelo, Rodrigues, Caetano, Machado, de Coromandel, entre outras.

Em nível regional, o Colégio respondeu ao desejo de distinção social das elites, que procuravam diferenciar do restante da população também por meio de símbolos, entre os quais a escola de nível secundário de seus filhos, que daria acesso seguro aos cursos superiores.

Bourdieu assinala que as elites, além de se afirmarem pela posse da riqueza, procuram distinguir-se socialmente por meio de ações simbólicas. Entre as principais “marcas da distinção”, destacam-se o vestuário, a linguagem e a escolha da escola dos filhos¹⁰.

Gilberto Freyre ao descrever a vida social brasileira, em meados do século XIX, ressalta a importância dos internatos dirigidos pelas religiosas:

Aos oito ou nove anos, era a menina de família patriarcal mais opulenta enviada para um internato religioso, onde ficava até os treze ou quatorze. Aí sua educação começada em casa, continuava. Aprendia a delicada arte de ser mulher: Música, dança, bordado, orações, francês, às vezes inglês, leve lastro de literatura eram os elementos de educação de uma menina num internato escolar¹¹.

A educação para a ordem e a disciplina constituía um dos aspectos importantes que estimulavam as famílias pertencentes às tradicionais oligarquias rurais a confiarem seus filhos aos religiosos europeus.

Enquanto as mulheres eram circunscritas ao espaço privado da família, onde desempenhavam os afazeres domésticos “delicados”, as funções da maternidade e a educação dos filhos, bem como o magistério primário, os homens eram preparados para os embates bélicos da vida pública, tanto na vida política como nos empreendimentos econômicos. Os moços freqüentavam o Ginásio Dom Lustosa para ingressar nos cursos superiores e as moças estudavam no Colégio Normal, dirigido pelas Irmãs.

É importante não só conhecer a história do Colégio e de sua importância como instrumento de educação, mas também percebermos como os fatores contextuais faziam parte dessa história. Portanto, ao entrevistarmos as alunas das primeiras turmas, podemos surpreender uma história

⁹ BORGES, depoimento citado, nota 45.

¹⁰ BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand do Brasil, 1989.

¹¹ FREYRE, G. *Vida social no Brasil nos meados do séc. XIX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1977, p. 86.

pessoal se entrecruzando com a coletiva, deixando aflorar importantes questões que nos ajudam a compreender melhor a História da Educação na Zona do Alto Paranaíba em Minas Gerais e no Brasil.

É interessante ouvir estas senhoras, professoras aposentadas ou simplesmente donas de casa e mães de família. São pessoas diferentes, que viveram em épocas e cidades diversas, mas têm em comum o fato de terem sido alunas e normalistas, da Escola Normal Nossa Senhora do Patrocínio, e algumas destas moraram no internato. São mulheres cuja idade varia de 55 aos 87 anos.

“O que o adulto retém como saber de referência está ligado à sua experiência e à sua identidade”¹², pois o sujeito constrói o seu saber ativamente ao longo do seu percurso de vida. Ao falarem de sua infância e juventude, escolaridade e prática profissional, de histórias de vida, elas vão desafiando sabedoria fazendo suas sugestões para a continuação da história. Elas retiram de sua experiência o que contam: “sua própria experiência ou a relatada pelos outros”¹³.

Como interlocutores, vamos incorporando às coisas narradas a nossa experiência, fazendo a nossa leitura dos fatos. Não é difícil retomar nossa relação com a família e com a escola – os colegas, os professores, os estudos – trazer de volta nossos sonhos e esperanças, medos e angústias, nossa experiência de trabalho. Tudo isso contribui para nossa visão de mundo, nossa concepção de educação

E mergulhando numa história instigante, vamos encontrando livros antigos, velhos manuscritos, álbuns de fotografias, cadernos de recordações e de receitas, antigos salões de reuniões familiares, uma escolinha perdida no tempo, um namorico com aluno do Colégio Dom Lustosa. E as narrativas cheias de sentido não se esgotam nos fatos contados, pois não são meramente informativas, mas capazes de suscitar espanto e reflexão.

Ao contar histórias, as alunas entrevistadas se transfiguram, voltam a um passado, revivem-no, seus olhos brilham ao descobrir que o que viveram teve importância, está sendo pesquisado e não será perdido pela História.

“À saudade é braço-e-mão do coração, e que, certas horas, quer segurar demais alguma pessoa ou coisa”¹⁴.

Todas as entrevistas acalentavam o passado como se fosse a única forma de recuperar aquilo que crêem perdido.

As entrevistadas são pessoas possuidoras de sonhos, desejos, projetos, frustrações, utopias e, como tantas outras, dispostas a partilhar suas lembranças quando encontram ouvidos atentos que mostram interesse em conhecer suas histórias há muito guardadas.

Os depoimentos, os contos revestiram-se de um universo humano mais amplo, onde a harmonia conjugou-se com tensões e conflitos. O olhar destas senhoras revelou uma realidade vivida. Como era a relação dessas alunas com as irmãs e com as colegas? Será que essa relação foi sempre a mesma ou se modificou nos tempos diversos? Que importância teve o contexto, o ambiente, na formação do ser mulher, ser professora, ser mãe de família?

Buscamos responder estas questões escutando pessoas que viveram em décadas diferenciadas, com a esperança de podermos abranger um bom período histórico. As idades das alunas, variando de 55 a 87 anos, nos permitiram ler o passado a partir do presente.

Por onde andaram as suas memórias que deve também ser a nossa – dessas Minas, das famílias, das pequenas e grandes cidades como Monte Carmelo, Patrocínio, Patos de Minas, Belo Horizonte, suas lembranças e incuráveis saudades do tempo de estudante. Memória também das pessoas, das colegas de internato, das Irmãs persistentes e enérgicas, que marcaram toda a vida. Das falas destas senhoras pinçamos, em suas memórias, um passado que nos revelou a História da Educação de nossa região e dentro desta a história da Escola Normal Nossa Senhora do Patrocínio.

Citando Lara, entendo que um processo cultural, como uma teia, é tecido de mil fios, muitos imperceptíveis, compreendendo que:

*Não é possível enumerar todos os fios envolvidos na elaboração de um projeto cultural. Possível é, no entanto, para efeito de análise, indicar, distinguindo, dimensões específicas da realidade humana responsáveis por linhas de forças especiais – qualidade diversas de fios – a que devemos estar atentos, neste esforço de compreensão do processo cultural*¹⁵.

¹² NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 25.

¹³ BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 201 (Obras escolhidas, 1).

¹⁴ ROSA, op. cit., p.118, nota 1.

¹⁵ LARA, T. A. *A escola que não tive... o professor que não fui: temas de filosofia da educação*. São Paulo/ Uberlândia: Cortez/EDUFU, 1996, p. 12.

Partindo da concepção de que a mulher professora, mulher mãe, é um sujeito histórico, ativo, produto e produtor de cultura, na qual age, reage e interage, se constituindo na e com a dinâmica social, em cuja complexidade estão presentes contradições e antagonismo, torna-se necessário um mergulho na macro-história, na qual se insere e da qual emerge, como fruto do processo cultural, para então, buscar compreender a dimensão micro-estrutural constituidora do seu processo educacional e de formação profissional.

Embora alijada por tantos anos do processo cultural, vale ressaltar que foi, principalmente, através do magistério que a mulher brasileira pôde abrir caminho para a atividade profissional. Referindo-se ao processo de sistematização do ensino brasileiro, Bruschini confirma:

*Foi somente no século passado quando, após a Independência, o ensino, pelo menos em nível dos projetos e das leis, se tornou gratuito e extensivo a todos, inclusive às mulheres que até então só tinham acesso à educação religiosa, nos recolhimentos e conventos que surgiram as primeiras vagas para o sexo feminino no magistério primário. Como não se tolerava a co-educação e os tutores deviam ser do mesmo sexo de seus alunos, um espaço para a profissionalização feminina foi aberto, ao mesmo tempo em que se expandia a própria instrução da mulher*¹⁶.

E ainda refletindo sobre a natureza deste avanço educacional, adverte Bruschini:

*Essa abertura, porém, era justificada em nome das funções maternas da mulher defendendo-se, simultaneamente, diferenças de gênero nos currículos: os das meninas davam mais ênfase à agulha e ao bordado do que à instrução propriamente dita. Assim, se de um lado a primeira lei do ensino (1827) representou um marco para a mulher, na medida em que ratificou seu direito à instrução, significou também um instrumento que acentuou a discriminação sexual, pois só admitia o ingresso de meninas na escola primária, não aceitava a co-educação nas escolas e reforçava as diferenças curriculares*¹⁷.

E concluindo em sua análise, pela permanência do sistema de segregação da mulher afirma que: “A maioria das mulheres com exceção das de elite e talvez das dos poucos estratos ascendentes urbanos não teve, de fato, muito acesso à escolaridade nesse período”¹⁸.

Na história de vida daquelas que freqüentaram a Escola Normal Nossa Senhora do Patrocínio ou mesmo daquelas que, privadas desse direito, sonharam ou ainda sonham com ele, a professora é objeto de inúmeras referências.

Trazendo à tona a história de alunas, professoras, mães, donas-de-casa, apresentando-as como portadoras de uma identidade profissional, mesmo sendo o magistério parte significativa da experiência e da identidade das narradoras, as professoras não são só magistério. São pessoas concretas e plurais que se fazem historicamente a partir dos contextos sociais onde vivem seu cotidiano. É aí, na casa, no trabalho, na sala de aula, na igreja que elas vivenciam sua relação com a estrutura mais ampla.

Quem viveu boa parte de sua vida em uma escola católica sabe que, nas tramas da sociabilidade humana, tecidas na convivência com as companheiras de classe, de internato, com as Irmãs belgas e brasileiras, as professoras, mães, mulheres vão se formando.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Augusta. Augusta Arantes: depoimento [jun. 2002]. Entrevistadora: Hedmar de Oliveira Ferreira. Patrocínio-MG: 2002. Depoimento escrito. Entrevista concedida pra Tese de Doutorado.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Obras escolhidas, 1).

¹⁶ BRUSCHINI, C. Amado T. Estudos sobre a mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 64, p. 4-13, fev. 1988, p. 5.

¹⁷ BRUSCHINI, op. cit., p. 5, nota 59.

¹⁸ Idem, *Ibidem*.

BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand do Brasil, 1989.

BORGES, Alina Arantes. Alina Arantes Borges: depoimento [set. 2003]. Entrevistadora: Hedmar de Oliveira Ferreira. Patrocínio-MG: 2003. 1 cassete sonoro e depoimento escrito. Entrevista concedida para Tese de Doutorado.

BRUSCHINI, C. Amado T. Estudos sobre a mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 64, p. 4-13, fev. 1988, p. 5.

COVA, G. *A esposa*: livro doutrinário e moralista para as noivas e mães de família. Bahia: Typ. Bahiana, 1911.

FREYRE, G. *Vida social no Brasil nos meados do séc. XIX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. À Deus, à Igreja e à Pátria. *História*, São Paulo, v. 11, p. 245-256, 1992.

LARA, T. A. *A escola que não tive... o professor que não fui*: temas de filosofia da educação. São Paulo/Uberlândia: Cortez/EDUFU, 1996.

MANOEL, Ivan A. *A Igreja e a educação feminina (1859-1919)*. Uma face do conservadorismo. São Paulo: UNESP, 1996.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

RIBEIRO, Teodora de Castro. Teodora de Castro Ribeiro: depoimento [ago. 2002]. Entrevistadora: Hedmar de Oliveira Ferreira. Patrocínio-MG: 2002. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida para Tese de Doutorado.